



ENTREVISTA

Este mês publicamos umha entrevista com Antom Árias Curto para falar da época em que a Luita Armada Galega (LAR) atacou a construçom da AP-9, aquela 'navalhada à Galiza' da que o ministro franquista Fernández de la Mora falava como "umha mostra do que pudérom fazer os homens que se levantárom em 1936".

CRIAÇOM

Dores Tembrás publicou o seu primeiro livro de poemas, *O pouso do fume*, em 2009 e desde aquela tem participado em escolmas de poesia e revistas. *Sementeira e sal*, o conjunto que publicamos neste mês em Criaçom, foi recitado na Homenagem às famílias dos retaliados que a Comissom pola Recuperaçom da Memória Histórica organizou na Corunha em 2010.

CINEMA PARA PENSAR

Francesco Traficante comenta este mês o filme *Frozen River*, obra da realizadora Courtney Hunt. Produzida nos Estados Unidos no ano de 2008, já na altura atingiu prémios de prestígio como duas nomaçons ao Óscar, o prémio Sundance como o melhor filme, e outros como o National Board of Review ou o New York Film Circle Awards à melhor realizaçom novel.

A GALIZA NATURAL

Tigres e outros gatos

João Aveledo

"Não é animal muito frequente, nem tampouco muito raro na Galiza e lá tem cinco nomes vulgares, v.g. lobo-cerval, lobezno (sic), lubicão, lobo-rabaz e tigre. Este último é falso, pois não há tigres na Europa, mas chama-se tigre porque tem a pele manchada e muito formosa e apreciável. Os quatro nomes primeiros, ainda que comecem com lobo, apenas aludem à sua voracidade, não a que seja o animal do género lobo, pois só o é do género gato. É como gato, mas tão grande como um cão perdido-gueiro. Combinando tudo é o verdadeiro animal lince"

(Frei Martim Sarmento, Carta 159, 1760).

Linces na Galiza? Sim. E veremos que até datas muito recentes. Vítor Lopes Seoane na sua *Fauna Mastológica* de 1861 diz que "é bastante raro nos sítios montanhosos povoados polos bosques, achando-se em Vilalva; S. Pedro de Orazo; na província de Ponte Vedra; na serra do Courel e outros pontos fragosos (sic) da Galiza".

Nós recolhemos o testemunho de um morador de Olelas (Entrimo) que afirma ter caçado

um lince na Serra do Quinjo, por volta de 1966. Era fêmea e devia ter crias polo aspeto dos mamilos. A sua descrição não permite qualquer confusão com outra espécie. Não longe dali, segundo contaram ao nosso amigo Américo Rodrigues, entre o Ribeiros de Castro Laboreiro e a Peneda, uns caçadores teriam visto um exemplar cerca do ano oitenta. Ele, na altura, não acreditou...

Em dezembro de 1987, Anthony Paul Clevenger, um prestigioso zoólogo norteamericano que colaborava num programa de rádio-seguimento de ursos, observa um lince perto do castelo de Doiras, na Serra dos Ancares. Em finais da década de 90, o naturalista Ramón Grande del Brio cita-o nos Ancares, no Maciço de Pena Trevinca, na Seabra e noutras regiões limítrofes. Nessa mesma década, há indícios, mais ou menos duvidosos, da sua presença no raiano Parque Natural de Montesinho...

O debate centra-se agora no enquadramento taxonómico dos lince galegos, já que, graças ao estudo de diferentes restos ósseos,

sabemos que no século XX o lince-euroasiático (*Lynx lynx*) alargava a sua distribuição europeia aos Pirinéus e à Cordilheira Cantábrica, enquanto o lince-ibérico (*Lynx pardinus*) ocuparia habitats mais mediterrânicos, predominantemente no centro e sul da Península.

Antigamente, o lince-ibérico era considerado uma subespécie do lince-euroasiático (teoria ainda hoje defendida por alguns biólogos), sendo as principais diferenças entre ambos: o tamanho (algo maior no euroasiático), a pelagem (mais manchada no ibérico) e o tipo de presas (o ibérico está especializado em caçar coelhos). Como dizia frei Martim Sarmento, um dos nomes populares do lince era lobo-cerval, o que remete para um predador capaz de capturar corços e outros pequenos cervídeos, característica distintiva da espécie euroasiática. Mas também não se deveriam rejeitar outras hipóteses, como a existência no nosso país das duas espécies (segregadas por habitats e latitudes) ou a possibilidade de hibridação entre elas.

Precisamente, é a hibridação a grande ameaça de outro felino selva-

gem, o gato-bravo (*Felis silvestris*), ao que já Seoane dava como raro no século XIX e que segundo o *Atlas de Vertebrados de Galicia* (elaborado na década de oitenta do século passado) seria muito escasso nas províncias da Crunha, de Ourense e de Ponte Vedra, e algo menos na de Lugo. Este esquivo animal, que mora em florestas densas, é mais corpulento que o seu parente doméstico e possui uma conspícua cauda grossa, que termina numa ponta negra arredondada. Com certa frequência e, especialmente, naquelas áreas em que se rarifica, é possível o acasalamento dos machos com fêmeas domésticas, o que constitui uma grave alteração no património genético da espécie.

Epidemias, como a mixomatose e a pneumonia hemorrágica viral, dizimaram nos últimos anos os coelhos-bravos, o que levou o lince-ibérico

Graças ao estudo de diferentes restos ósseos sabemos que no século XX o lince-euroasiático (*Lynx lynx*) alargava a sua distribuição europeia aos Pirinéus e à Cordilheira Cantábrica, enquanto o lince-ibérico (*Lynx pardinus*) ocuparia habitats mediterrânicos, predominantemente no centro e sul da Península

à beira da extinção. Oficialmente, os últimos lince da Península sobrevivem apenas em dous núcleos meridionais (Doñana e a Serra de Andújar-Cardena). Temos sérias dúvidas de que isto seja assim, pois, com certeza, devem existir ainda pequenas populações espalhadas por aqueles territórios mais isolados e inacessíveis. Mesmo mantemos a esperança de que fique todavia algum "tigre" relicto que tenha o seu esconderijo numa íngreme montanha galega.





ANTOM ÁRIAS CURTO, CO-FUNDADOR DE LUITA ARMADA REVOLUCIONÁRIA (LAR) E DO EGPGC

“Com a LAR nasceu um conceito de rebeldia e de ação social mui forte”

Combinamos com Antom Árias Curto numha cafetaria compostelana para falar da época em que a Luita Armada Revolucionária (LAR) atacou a construção da AP-9, aquela ‘navalhada à Galiza’ da que o ministro franquista Fernández de la Mora falava como “umha mostra do que pudérom fazer os homens que se levantárom em 1936”. Foi em finais da década de setenta, trinta anos já, mas a entrevista contou com umha pouco secreta companhia policial. A entrevista completa será publicada no portal galizalivre.org.

Rubén Melide Romai e Carlos Calvo Varela

Qual era a postura face à autoestrada quando artelhades LAR?

Nós estávamos polo fortalecimento e melhora das estradas já existentes em todo o país. A autoestrada parecia-nos umha espécie de canal para tratar de dar entrada aos grandes monopólios, tanto políticos como do mercado. Tratava-se, também, dumha via paralela ao Atlântico para cumprir uns objetivos militares: umha infraestrutura necessária para a NATO, umha comunicação de toda a faixa atlântica de Lisboa a Ferrol e ao Cantábrico.

Nessa época eu dediquei-me à constituição da Luita Armada Revolucionária. E a LAR, neste caso, é um pequeno destacamento que nasceu devido a um projeto político, num caso diferente ao do EGPGC. Aqui é o partido político que decide criar a organização armada. Assim, a LAR é um projeto com certa autonomia, mas vencilhado ao Partido Galego do Proletariado. Também foi criada Galiza Ceive (OLN), a organização política mais aberta do PGP, para a entrada no qual nom era requerido o preâmbulo do marxismo-leninismo.

Desde o surgimento da LAR, a autoestrada AP-9 é colocada como um objetivo estratégico da organização?

Fundamental. Por duas razons: a primeira som certos vínculos nosos por grupos de vizinhos, principalmente da zona de Ponte Vedra. Tanto é assim, que quando nos detenhem a 16 companheiros no dia primeiro de setembro de 1980, aparecem vinculados a Vila Boa ou a “Autopistas del Atlántico” cinco ou seis dos detidos, entre eles alguns dos responsáveis de certas associações vizinhais puramente reivindicativas e defensoras dos seus interesses. Este é o caso de vários detidos, que depois



ANTOM ÁRIAS CURTO no refúgio em que viveu durante meses de clandestinidade nos tempos de atividade armada do EGPGC

fôrom todos absolvidos. Realmente só fomos condenados quatro membros da LAR: Nieto

“A AP-9 era umha infraestrutura necessária para a NATO, para comunicar toda a faixa atlântica de Lisboa a Ferrol e ao Cantábrico”

“Abandonou-se a imagem de vergados e de gente que sempre traga com todo e que deixa os engenheiros fazer e desfazer”

Pereira, Cid Cabido, Francisco Atanes e mais quem vos fala. Eu com a máxima condenação, oito anos, e eles com cinco anos e três meses, Paco Atanes com menos.

Que ações concretas eram levadas a cabo contra a autoestrada?

Em essência, foi-lhes atacada a maquinaria, especialmente aquela mais pomposa e mais destrutora: pás, grandes camions... As máquinas eram atacadas com gasolina e incendiadas. Também se colocou algum petardo. Porém, a ação cume foi quando deitamos abaixo os escritórios do “Estado Maior” de “Autopistas del Atlántico” em Deixevre, na comarca de Ordes. Pugérom-se umhas cargas ali e arrasou-se, o que nos levou a tomar o tema um

pouco mais a sério, porque o da maquinaria podia ser confundido com ações dos vizinhos e dos próprios interessados, mas quando foi o de Deixevre, a cousa começou a soar um pouco mais dura. Pensemos também que a LAR nom tinha saído à luz pública para nada...

Mas nalgumha destas ações também participou gente nativa dos lugares e que se opunha ali à autoestrada, nom é?

Efetivamente. Na devandita operação em que fomos detidas dezasseis pessoas houve quatro ou cinco vizinhos que fôrom detidos e passárom alguns meses no cárcere, bem por passarem alguns “chouriços” (gelamonite) ou bem por assinalar os pontos fracos.

Mesmo algum contrabandista se viu em problemas por ter passado umha caixa de “flores”.

Como reagiam os vizinhos afetados pola autoestrada perante as vossas ações?

Penso que as ações fôrom positivas, porque a avaliação das expropriações aumentou consideravelmente. Abandonou-se, polo menos um pouco, a imagem de vergados e de gente que sempre traga com todo e que deixa os engenheiros fazer e desfazer. Nasceu um conceito de rebeldia e de ação social mui forte. Claro, todo isto aconteceu num quadro de muita fome de reivindicação social. Pensemos que nos anos 77 e 78 saíamos do franquismo, o qual fazia que os ânimos estivessem dessa maneira.

Comenta-nos um pouco quais fôrom as consequências repressivas da vossa atividade contra a autoestrada. Que preço se pagou?

Fomos condenadas quatro pessoas de dezasseis que foram detidas. A maioria saíram em liberdade condicional ainda que processadas e sem serem condenadas. O atual presidente da Real Academia Galega botou umhas semanas e já saiu.

Se os dados que tenho nom me falham, parece ser que esta pessoa tinha amigos dentro da monarquia, no “conselho privado” do rei, através de Leónidas de Carlos. Pense-se que naquela altura havia tensões entre os dous ramos da ETA; o militar e o político-militar, e procuravam suavizar a linha violenta, que se aplacassem as cousas. Essas amizades funcionárom bem, e Ferrín saiu sem condenação de nengum tipo. Segundo Arturo “O Relojeiro” -de Ponte Vedra, membro do seu partido e bom amigo dele-, graças às influências do rei.

Se procuras na hemeroteca do *Faro de Vigo*, nos anos 78 ou 79, encontrarás as fotografias de José González “Pepiño”, hoje secretário do Concelho de Redondela e admirador do labor profissional de García Mañá -Chefe Superior da Polícia Nacional espanhola na Galiza-, com quem ele e Ferrín sempre estão a saudar e intercambiar louvanças. Nas hemerotecas aparecem as fotos de “Pepiño”, Manuel Pousada Covelo -sogro de Gloria Lago- e Xosé Luís Méndez Ferrín a dizerem que se preparasse o Estado espanhol, porque a luita armada na Galiza estava em marcha e que eles seriam uns dos protagonistas, ocasionando graves problemas de segurança à gente que estava a encetar a luita na clandestinidade. Isso está no *Faro de Vigo*.



Vítor Nieves

Assim poderia acabar a sanidade pública, estarricada num dos seus hospitais desmantelados. As políticas neoliberais do PPSOE estão-se a encarregar de desfazer todo o sistema de bem-estar em geral, e a

sanidade e a educação em particular. O 5 de agosto, a Conselheira da Saúde publicava um decreto no DOG pelo qual a Área Sanitária do Barco passa a estar integrada na macro-área ourensana, o que implica que o

Hospital Comarcal de Vale d'Eorras passa a depender a todos os níveis, também no económico, da gerência provincial.

Vítor Nieves. Vale d'Eorras, 2011

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de conteúdo e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Dores Tembrás, poeta bergondesa, recitou este conjunto inédito de poemas na Homenagem às famílias dos retaliados que em 2010 organizou a Comissão pola Recuperação da Memória Histórica no Teatro Rosalia de Castro da Corunha.

Sementeira e sal

..... por Dores Tembrás

as paredes da cela
rebandando de sal
e hai
conserva
no gesto dos dedos
um plano exato
da eira
da cozinha
apenas a levidade
do fume

que a tal hora
quecera-as
a elas
calando
caldo branco

roendo o salitre
no peito
el
letras

contra o frio

--
veu de ouces
que bem o conhecem todos
e ali
deixou
o alento
a cravelha da porta
por amanha

a soma sem fazer
no quadrinho da pequena
a vaca
a meio mugir
mulher e filha no lintel
o último gesto
prendido no ar

ainda

--
quem o atraçouu
nom suspeita
que a sementeira
que o milho
ficam botados
esse abril
e ao outro
e ao outro
e ao outro





LÍNGUA NACIONAL

Dentro de 20 anos ou agora

Valentim R. Fajim

Umha das marcas mais claras para caraterizar a seriedade dos projetos, se falamos em criar umha língua nacional, tem a ver com o modelo de língua utilizado. Umha das marcas mais claras de que algo nom funciona na Galiza a este respeito é o lema **dentro de**

20 anos (D20). Esta estado de ânimo, às vezes filosofia e outras praxe política, descansa no seguinte trípole:

1) Para construir umha língua nacional galega esta tem que ser soberana a respeito do castelhano.

2) Nós temos a fortuna de dispor desse formato de língua no Brasil e em Portugal, o que é incommum em contextos como o nosso.

3) Mas nom podemos implementá-lo ainda.

O ponto mais frustrante do D20 é que nom tem um cronograma nem

escola de ensino galego
semente

umha política de açons para nos oferecer: agora nom é possível mas talvez o seja num futuro. Porém, nom está previsto quando nem como. Nom é mui aliciante, nom.

Felizmente, o reintegracionismo move-se noutra dinâmica: **Just do it! (fai-no)** e de aí surgem projetos motivadores como o NOVAS, os locais sociais, os aPorto, os Ops, a AGLP, Sei o que nos Figestes, Edições da Galiza, a Galicola e

muitos outros nomes que caminham connosco.

Recentemente, impulsionada pola Gentalha do Pichel, apareceu na cena a escola Semente e apareceu porque os pais nom podem garantir um ensino em galego para os seus filhos e filhas. Havia várias opções, podia ser um DEBATER, podia ser um LAMENTO, podia ser um PACIÊNCIA mas foi, felizmente, um AGORA.

CINEMA PARA PENSAR

Frozen River (Rio Gelado)

Francesco Traficante

Este é um magnífico exemplo de pequeno grande filme. Obra da realizadora Courtney Hunt, foi produzida nos Estados Unidos no ano de 2008, e já na altura atingiu prémios de prestígio como duas nomeações ao Óscar, o prémio Sundance como o melhor filme, e outros como o National Board of Review ou o New York Film Circle Awards à melhor realização novel. O maior dos seus méritos é a capacidade de tratar muitos temas de forma subtil, mas efetiva e realista ao mesmo tempo. Situada numha zona fronteiriça entre o Canadá e os Estados Unidos, toca numerosos temas que estão presentes nas nossas sociedades ocidentais. É a história de uma mãe branca, que a partir do seu encontro inicial com umha índia mohawk, trabalha em conjunto com esta no contrabando ilegal de pessoas para conseguirem dinheiro suficiente para dar umha vida digna aos seus filhos. Mas se este é o cerne do filme, dele se derivam ao longo da história muitas outras situações que induzem à reflexão do público espectador. Desde o tema do abandono do marido da

branca, sempre ausente ao longo do filme, ludopata e que é quem de roubar o dinheiro que a família necessitava para comprar umha vivenda com umhas condições mínimas de habitabilidade, até os preconceitos racistas que a mulher, como parte da comunidade branca, tem cara aos índios, ou contra os muçulmanos, que terá umhas consequências inesperadas quando, por esses mesmos preconceitos, a mulher branca abandone um bolso de uns paquistaneses pensando que pode ser umha bomba. E como centro geográfico da história, aparece umha reserva índia que é a que permitirá levar a cabo de umha forma impune essa passagem de pessoas através da fronteira. Apesar da desaprovação da comunidade índia em geral, a rapariga mohawk coprotagonista do filme usará esses “direitos nacionais índios” para cometer esse delito. E eis a mensagem fulcral que a realizadora nos quer transmitir: perguntar-se se é realmente imoral que duas mulheres maltratadas pola vida, sem um Estado que lhes garanta uns mínimos, utilizem a lei de forma espúria para ganhar um dinheiro extra, que finalmente só querem usar para comprar umha casa ou



cobrir-lhe aos seus filhos umhas necessidades básicas que, de outro jeito, nunca poderiam ter logrado. A este respeito, apenas dois apontamentos na história do filme que servem para reforçar esta ideia. O primeiro é que a mulher branca trabalha há já anos numha cadeia de “tudo a cem” sem que lhe acabem de dar um contrato melhor, de mais horas ou maiores responsabilidades apesar de cumprir sempre impecavelmente no seu trabalho. Este posto nom lhe permite ganhar esse dinheiro extra para pagar essa

casa melhor, ainda que seja aos poucos. Isto por nom falar da desgraça de ter um homem ludopata que finalmente escapa da casa com as poupanças. O outro dado é que as duas mulheres deixam de fazer esse contrabando a partir do momento em que já juntárom o dinheiro suficiente para atingirem os seus objetivos básicos. Só querem o que a sua dignidade pessoal lhes exige. Nem mais, nem menos. Mas também falamos de romper com umha legalidade que impede o livre trânsito das pessoas, a mesma legalidade que per-

mite que o capital financeiro tenha umha liberdade de movimento absoluta. Essa hipocrisia e dupla moral também se deduz da história, que mui acertadamente está localizada numha fronteira fria, com neve por toda a parte, como tentando simbolizar umha sociedade como a americana, fria e cruel com os mais desfavorecidos. A paisagem se nos revela como umha personagem mais ao longo deste mais que interessante filme, o que serve para assinalar a riqueza nom só da história, mas da estética do filme.